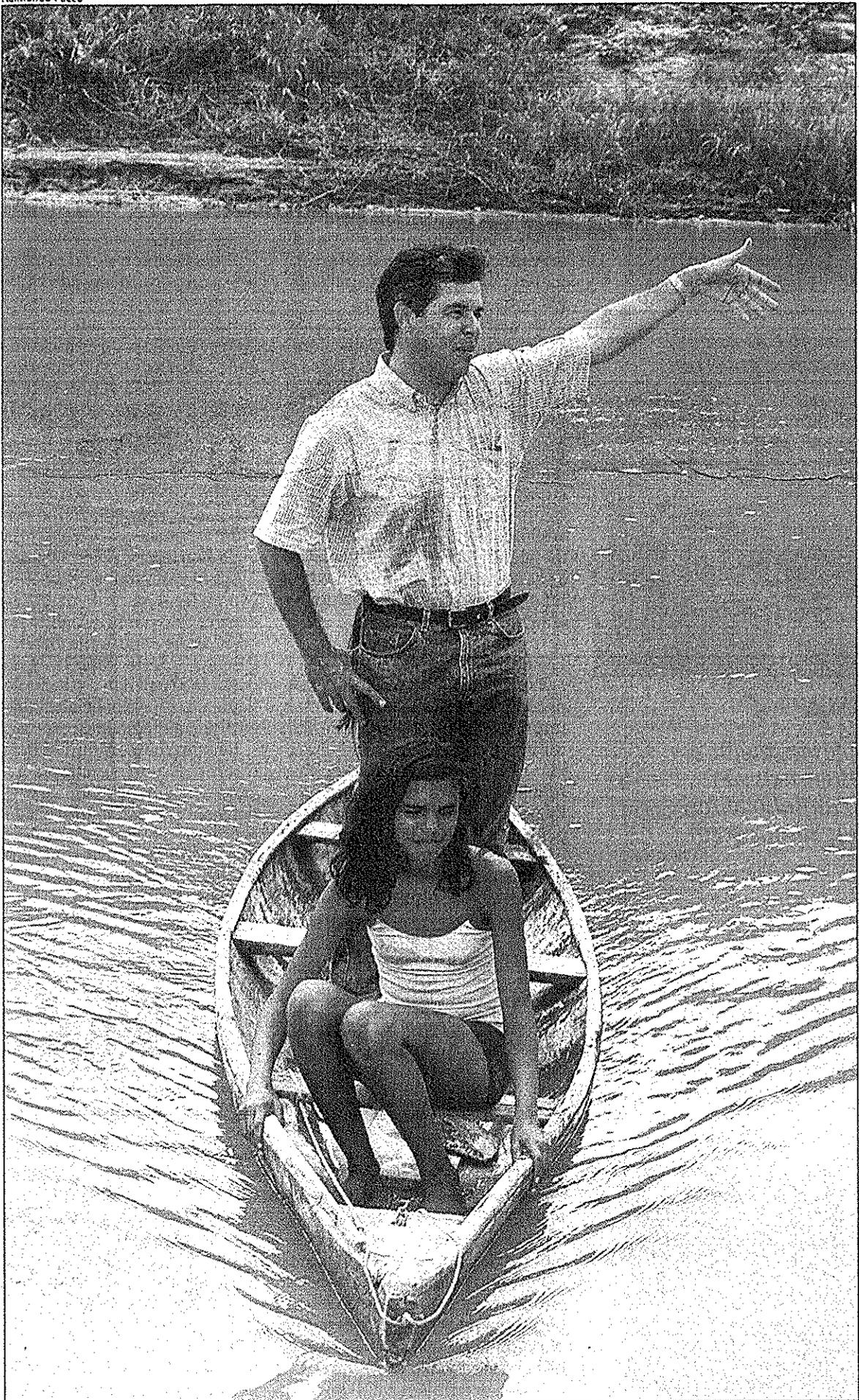


CB
27/8/98 1210
32

Raimundo Paccó



VIANA UNE PT E PSDB NO ACRE

O petista Jorge Viana (foto), dono de 63% das preferências na corrida pelo governo do Acre, tornou-se um candidato suprapartidário. Ele conseguiu a proeza de ser apoiado ao mesmo tempo pelo PT de

Lula e pelo PSDB de Fernando Henrique. O ex-prefeito de Rio Branco, um dos administradores mais populares do país, poderá vencer no primeiro turno.

“No Acre a situação é singular. Lá, a questão supera os partidos: é ser ou não ser ético”

Deputado Arthur Virgílio (AM), secretário-geral do PSDB

PERFIL

EX-CABO ELEITORAL DE CHICO MENDES TEM APOIO ATÉ DE INIMIGOS HISTÓRICOS PARA SE ELEGER

JORGE VIANA

MENINO DO PT É FAVORITO AO GOVERNO DO ACRE

Gerson Camarotti
Enviado Especial

Rio Branco (AC) — O Brasil enfrentava as urnas pela primeira vez depois do regime militar. Como em todo o país, o PMDB também era favorito ao governo do Acre, em 1986. Já o PT lutava para fazer pelo menos um representante na Assembleia Legislativa. O candidato mais forte era o seringueiro e líder ambientalista Chico Mendes. Em Xapuri, cidade onde Chico havia fundado um sindicato, ele ia muito bem, obrigado. Mas no resto do estado tinha grandes dificuldades para conseguir votos.

Foi para diminuir essa resistência nas cidades mais populosas do Acre que o jovem engenheiro florestal Jorge Viana, na época com 26 anos, assumiu a coordenação da campanha na capital, Rio Branco. Na tentativa de conseguir alguns votos, Jorge fazia caminhadas pelas ruas da cidade. Mas o candidato não ajudava muito. Numa delas, depois de andar uma manhã inteira sem conseguir muito êxito, Chico foi parado por um popular: “E aí campeão, o Chico! Vi falar que tu agora é candidato?” Sem o traquejo da política, Chico Mendes respondeu: “Não é que me botaram nessa fria!”

Após a caminhada, Viana resolveu dar um puxão de orelhas no candidato: “As coisas já não estão fáceis. Os votos muito menos. E você ainda dispensa o único voto que conseguimos? Não é assim que se faz campanha”. Apesar da boa votação, Chico Mendes não conseguiu se eleger. Faltaram cem votos para que o Partido dos Trabalhadores conseguisse coeficiente eleitoral. Dois anos mais tarde, Chico Mendes seria assassinado.

Dez anos depois da morte de Chico, o PT está prestes a conseguir um feito inédito para o partido: eleger um governador no primeiro turno. Seu nome é Jorge Viana, que hoje está com 38 anos e lidera com folga as pesquisas de opinião (ver quadro). Um detalhe: a candidatura de Alécio Dias (PFL), segundo colocado, foi impugnada pelo TRE há duas semanas por improbidade administrativa à frente da Elektroac, da qual era presidente antes de entrar na disputa.

“O bom desempenho nas pesquisas é o resultado de dois fatores. Primeiro tem que se considerar os méritos dessa nova geração de políticos acreanos, que desenvolve um trabalho sério. O outro fator está na falência política e moral de uma elite política que dominava o estado e que chegou ao limite com episódios altamente negativos”, analisa o cientista político Marcos Coimbra, diretor do Vox Populi.

O conjunto de episódios negativos a que Coimbra se refere inclui o recente escândalo da compra de votos, em que deputados acreanos teriam recebido, cada um, R\$ 200 mil para votar a favor da remessa da reeleição — com a intermediação

do governador Orleir Cameli (PFL) — denúncias de aluguel de mandato contra o deputado federal Chicão Brígido e o assassinato do governador Edmundo Pinto em 1992, num hotel em São Paulo. Na época, Pinto estava sendo acusado de superfaturar obras no estado.

SUCESO NA PREFEITURA

Em contrapartida, Jorge Viana terminou o seu mandato, como prefeito de Rio Branco, ficando entre os três administradores de capitais mais populares do país. A boa gestão resultou no fim do preconceito que ainda existia no estado contra “os meninos do PT” — como Viana e seu grupo político são chamados pelos adversários. No final da administração, em 1996, 74% dos moradores de Rio Branco avaliaram seu desempenho como sendo bom ou ótimo.

Mas o segredo do sucesso está além da aprovação popular. Ele conseguiu algo inédito no PT. Além de neutralizar as facções internas do partido, contou com o apoio dos sindicatos, que quase não fizeram greves. Com isso, a eleição no Acre se tornou suprapartidária. Numa recente reunião com fazendeiros, até então adversários históricos, Viana ouviu o seguinte argumento dos ruralistas:

“Não estamos votando no PT. Mas sim no administrador Jorge Viana”. Como bom político, o ex-prefeito não rejeita apoio. Isso permitiu que ele acabasse ampliando o leque de partidos na aliança em torno de sua candidatura, atraindo até o PSDB do presidente Fernando Henrique Cardoso.

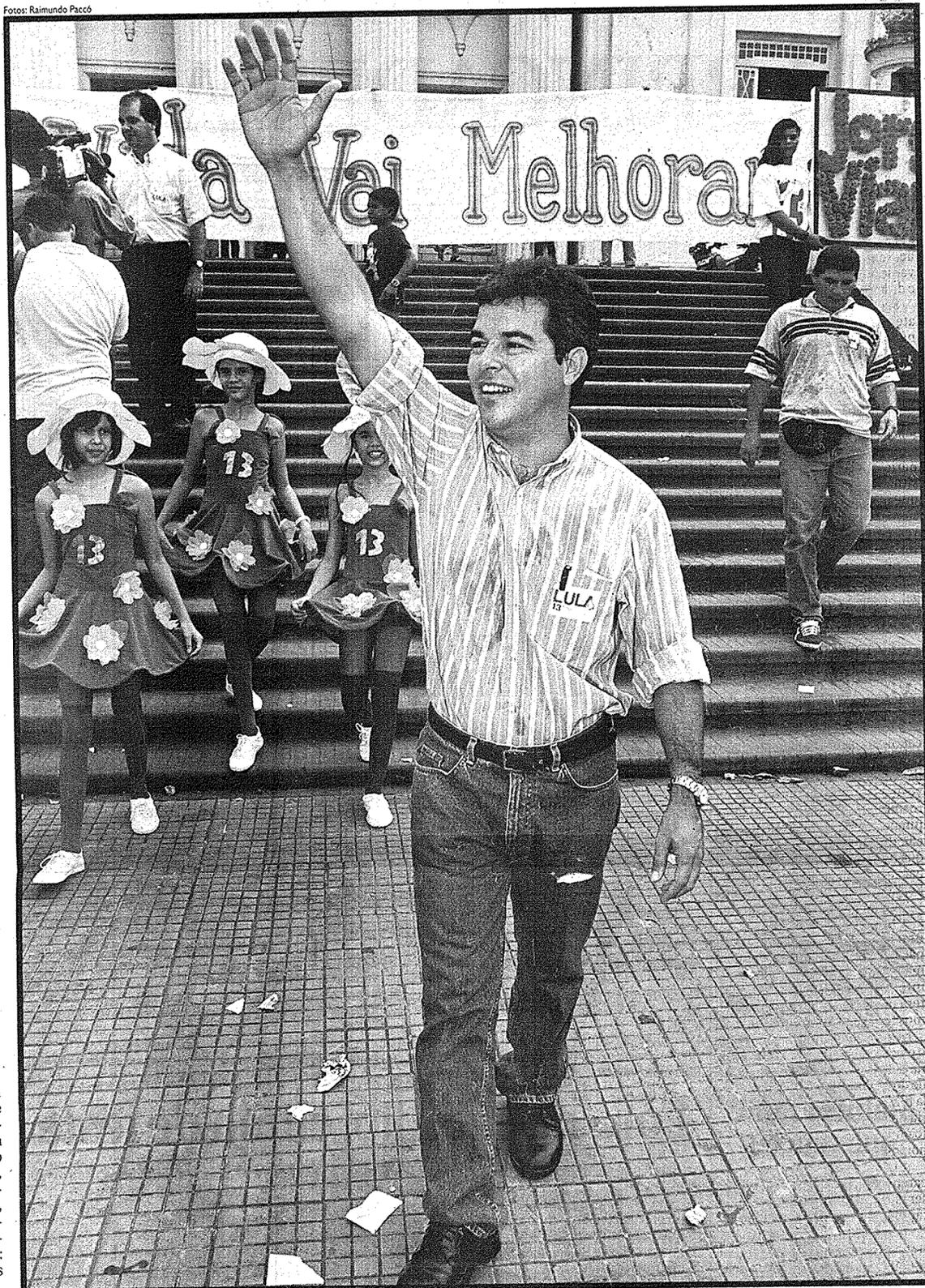
“No Acre a situação é singular. Lá, a questão supera os partidos: é ser ou não ser ético”, explica o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio (AM). Na verdade, ao se aliar ao PT no Acre, os tucanos acabaram livrando o presidente do maior constrangimento que ele poderia enfrentar nessas eleições. Como explicar para o resto do país que Fernando Henrique iria subir no mesmo palanque do governador Cameli e de um grupo de deputados envolvidos em escândalos?

Essa aliança com os tucanos faz o candidato Jorge Viana passar por situações no mínimo inusitadas. Foi o que aconteceu na última sexta-feira, num comício na cidade de Sena Madureira, dominada pelo PSDB. Viana teve que subir num palanque onde conviviam faixas de Lula e de Fernando Henrique, com predominância de material eleitoral do candidato tucano.

RISCO DE VIDA

Mas a cada momento que se confirma o favoritismo de Jorge Viana outra ameaça surge contra sua candidatura. “No Acre, nossa principal preocupação com a eleição do Jorge é que venha a acontecer provocação

Fotos: Raimundo Paccó



COLHENDO OS FRUTOS

O ex-prefeito Viana faz campanha na capital, Rio Branco: no fim do mandato, em 1996, 74% dos moradores da cidade avaliaram seu desempenho como sendo bom ou ótimo. A competência administrativa pode render agora a vitória na eleição para governador no primeiro turno

na forma de atentados para criar um clima de terrorismo”, denuncia o deputado federal José Genoíno (PT-SP). O próprio Viana, acompanhado da senadora Marina Silva, esteve em fevereiro no Palácio da Alvorada para um encontro com Fernando Henrique. Os dois pediram uma atenção especial do presidente com a campanha eleitoral no Acre. Temiam atentados e fraudes.

Viana já recebeu algumas ameaças, mas tenta minimizar a situação. “Espero que eles (adversários) não adotem esses métodos. Sei que sou

uma ameaça a eles”, explica. Afinal, pela primeira vez no Acre o poder vai sair das mãos dos dois grupos políticos que sempre dominaram o estado.

Por poder, entenda-se um orçamento de R\$ 2,5 bilhões durante os quatro anos de mandato, que já levou à morte um governador. “Para eles (adversários), o governo do estado não é questão de política, mas sim um negócio”, avalia Viana. A situação no Acre tentou, sem sucesso, viabilizar um nome forte para concorrer nessas eleições. Agora, a provável vitória do PT ameaça colocar na clandestinida-

de esse grupo. É aí que mora o perigo. Pelo menos um fator contribuiu para diminuir a tensão na disputa acreana: a desistência do governador Orleir Cameli (PFL) de sair candidato à reeleição. Foi como uma declaração de derrota antecipada do governador. Resultado, o atual candidato do PFL não tem o apoio nem do próprio Cameli, que resolveu abandonar a vida pública alegando perseguição política.

SERINGAIS E PERIFERIA

Esse favoritismo do PT no Acre não foi construído de uma hora para outra. Na eleição de 1986, o candidato petista ao governo estadual, Hélio Pimenta, só conseguiu 2.500 votos, sendo o lanterna da disputa. O grupo político que está prestes a assumir o Palácio Rio Branco surgiu nas Comunidades Eclesiais de Base, que se organizaram no estado com o apoio do bispo de Rio Branco, dom Moacyr Grechi, ainda na década de 70.

Sob o comando de leigos nas colônias, seringais e periferia das cidades, começaram a se fortalecer lideranças políticas como Chico Mendes e Marina Silva, que também ampliaram o movimento para a área sindical e político-partidária. “Creio que seja indiscutível a presença e a influência da

igreja nesse processo”, avalia o próprio dom Moacyr, que evita declarar seu apoio oficialmente.

Nas eleições de 1990, a situação já era diferente. Foi no Acre que pela primeira vez o PT chegou ao segundo turno. Jorge Viana, então estreante na política, teve 60 mil votos. Mesmo assim perdeu a eleição. Mas em 1992 ganhou a disputa em Rio Branco, sendo eleito prefeito com 29 mil votos, o equivalente a 35% do eleitorado. Porém, não conseguiu fazer o sucessor em 1996, numa eleição marcada por denúncias de abuso do poder econômico. Curiosamente, a péssima administração do atual prefeito Mauri Sérgio (PMDB) está contribuindo para a campanha de Viana.

Já no Planalto ninguém esconde a simpatia pela candidatura petista. Isso sem falar nos tucanos que apoiaram publicamente, causando mal-estar na base do PMDB no Acre — leia-se o senador Flaviano Melo.

O perfil de bom administrador está conseguindo quebrar as últimas resistências que existiam ao PT no Acre. Tanto é que o partido também deve levar a vaga de senador, disputada pelo irmão de Jorge, o médico Tião Viana, que já aparece na frente de Flaviano nas pesquisas. Se o partido não vai tão bem no resto do país, o exemplo do Acre serve como consolo e modelo a ser seguido nacionalmente.



TRABALHO DE BASE

Em suas andanças pela periferia de Rio Branco, Viana revisita o início da vida pública como ativista das Comunidades Eclesiais de Base